

# AS MISSANGAS DA COMUNICAÇÃO

## MOÇAMBIQUE NO ESPAÇO IBERO-AMERICANO

Armando Jorge Lopes\*

### *Resumo*

Nesta comunicação apresentam-se reflexões sobre a língua portuguesa e alguns dos seus enquadramentos em Moçambique, em particular, a relação desta língua com a língua espanhola nesta parte de África, a globalização e a pedagogia da equidade.

Interagir com diferentes línguas e culturas, e do mesmo modo, interagir com a mesma língua e diferentes culturas é muito útil porque estas interacções fornecem perspectivas diferentes da nossa e nos libertam de preconceitos que, muitas vezes, são condicionados culturalmente. Neste contexto, torna-se fundamental estudar os processos históricos que moldaram e continuam a moldar os contextos sociais, culturais e linguísticos de Moçambique, com destaque para a coabitação linguística e cultural entre a língua portuguesa e as línguas bantu, em contexto de harmonia multilinguística e multicultural.

São ilimitadas as contas do colar linguístico moçambicano, que é também universal, cada uma encerrando histórias sobre a modernização da língua portuguesa, temperada pela

---

\* Armando Jorge Lopes, mestrado [York, UK, 1982], doutorado [Wales, UK, 1986] e pós-doutorado [USC, California, 1991 & Cambridge, UK, 1993], é linguista [Linguística Aplicada] e dedica-se há mais de 45 anos ao ensino de línguas—como explicador de Inglês [1967], professor no ensino secundário [1972-77], docente, investigador e gestor universitário [1977--] e Professor Catedrático [2000--] na Universidade Eduardo Mondlane [UEM], Moçambique. Tem ensinado em programas de doutoramento e pós-doutoramento também em universidades na Europa, América e outros países de África. Foi Director Pedagógico da UEM [1987-90], Director-Adjunto da Faculdade de Letras para a Investigação [1993-96], Chefe do Departamento de Linguística e Literatura [2001-04] e Director da Faculdade de Letras e Ciências Sociais [2007-12]. Exerceu o cargo de Editor-Chefe da LASU, Associação de Linguística das Universidades da SADC [1990-95] e realizou interpretação simultânea e tradução na SADCC e em outras instituições políticas e económicas em Moçambique e outros países [1975-1994]. Publicou 11 livros e uma centena de artigos em revistas internacionais e nacionais. Foi Vice-Reitor (Científico-Pedagógico) da Universidade Politécnica de Moçambique [2014-2017].

relação com outras línguas usadas em Moçambique, incluindo as indo-europeias, que a longa noite colonial decidiu não promover e até mesmo coarctar.

*Palavras-chave:* lusofonia, hispanofonia, Moçambique, comunicação intercultural

## Introdução

Reflectir sobre temas que as missangas encerram não é tarefa simples. Língua, globalização, interculturalismo, intraculturalismo, lusofonia, hispanofonia, entre outros, são temas que entendo como contas ou missangas. Sem necessariamente serem as de Mia Couto de 2008, muito embora nos deslumbremos através delas, as contas do colar moçambicano, que se pretende universal e partilhado, apresentam-se ilimitadas. São missangas que vamos introduzindo no fio da comunicação, aquelas contas de vidro coloridas e de outros materiais—as missangas moçambicanas, que são também missangas do mundo (Lopes, 2013<sup>a</sup>). Reflicto aqui sobre algumas missangas da língua, da cultura e da inclusividade.

Não pertencendo ao espaço ibero-americano de forma directa, por assim dizer, a história deste país que tem a língua portuguesa como língua oficial e, acima de tudo, a sua situação híbrida entre a anterior vivência com o mundo português e a recente e intensa experiência também partilhada com o mundo hispânico tornam Moçambique num lugar privilegiado de reflexão e problematização desse mesmo espaço e fazem com que a nação africana seja sua parte integrante, mesmo que de forma indirecta. Ao aceitar-se que uma língua não é uma parte isolada de um sistema ecológico complexo, mas sim, e necessariamente, parte integrante do mesmo, ao compreender-se a importância do sistema ecológico do espaço ibero-americano e o facto das línguas nele faladas serem línguas pluricêntricas, não idênticas nas suas variedades metropolitanas, e ao reconhecer-se que cada um dos centros cria uma pressão na direcção da sua variedade—não apenas em termos fonológicos, morfológicos, sintácticos, semânticos e lexicais, mas também em termos discursivos—e que estas pressões se exercem tanto diacrónica como sincronicamente, deduz-se que as influências do Português e do Espanhol sobre todas as outras variedades, incluindo as variedades emergentes de vários estados e ainda sobre as línguas indígenas neles faladas sejam profundamente complexas e diversas. É neste sentido que entendo Moçambique como parte integrante da iberoфония.

Argumento sobre a diversidade linguístico-cultural como suportes do enquadramento e desenvolvimento das línguas portuguesa e espanhola, componente importante da vivência contemporânea. Na verdadeira acepção dos conceitos, o mundo de hoje já começa a ser realmente bilingue, mas de modo ainda ténue, multilingue e multicultural; a condição monolíngue e monocultural do amanhã poderá vir a ser idêntica à do analfabeto de hoje. A língua portuguesa é a língua oficial e veicular de Moçambique, operando juntamente com vinte e duas línguas bantu como línguas maternas da esmagadora maioria da população, e ainda com as línguas de origem asiática (Guzerati e Memane, entre outras) e o Árabe (Lopes, 1999).

## 1. Linguagem e globalização

As missangas aqui unidas pelo fio da comunicação são a língua, o universal, o global, o particular, o Outro e a solidariedade. Começarei pela questão da língua.

À altura da Independência Nacional de Moçambique decorria no Departamento de Letras Modernas da Universidade Eduardo Mondlane um projecto designado de *Português Fundamental* que, entre outros objectivos, aspirava à construção de uma matriz de 2000 vocábulos. O projecto de elaboração local do *Português Fundamental* partilhou muitos dos traços caracterizantes da abordagem metodológica de experiências precursoras, em particular a francesa. Apenas lembrar que para neutralizar os danos de Babel, ou a complexidade que a multiplicidade das línguas criou, nas suas palavras, os partidários da língua universal defendiam a necessidade de introdução de uma língua comum que fosse utilizada por falantes de línguas diferentes.

O primeiro exercício de simplificação, por meio de uma língua artificial humana, foi ensaiado com o *Esperanto*, língua constituída em 1878 por Zamenhof, que usava o pseudónimo de Dr. Esperanto. O Esperanto, criado a partir de bases românicas, germânicas e eslavas, gozava e goza (ainda há actualmente cerca de dois milhões de pessoas que compreendem a língua) de um elevado grau de previsibilidade devido sobretudo ao recurso frequente e constante a sufixos e infixos<sup>1</sup>.

1 Sobre a previsibilidade do Esperanto, diz Abley (2003, p. 93) o seguinte: "Todos os substantivos terminam em -o, todos os adjectivos em -a, todos os advérbios em -e...Uma árvore é *arbo*; uma árvore pequena é *arbeto*; uma árvore grande *arbego*; uma floresta é *arbaro*...O homem é *viro*; a mulher *vir'ino*. O marido é *edzo*; a esposa *edzino*. A base da língua assenta na masculinidade,

Mas nem todos os linguistas da altura sonhavam com a invenção e conseqüente imposição de um idioma universal fabricado. Alguns propunham a adopção de uma língua já existente—naturalmente a sua própria—habitual referência ao Inglês ou, em caso de impossibilidade, até mesmo o Francês.

Argumentava-se que a base greco-latina do vocabulário do Inglês (cerca de 900 vocábulos básicos) a tornara numa língua rica, abrangente e relativamente fácil de aprender por parte de aprendentes ocidentais, e que sendo a gramática isenta de conjugações verbais complicadas se tornava relativamente acessível para aprendentes asiáticos e africanos. E ainda uma coisa boa com que todos concordavam: o facto de o Inglês não ter acentos, til ou cedilhas, o que certamente facilitaria o seu uso na escrita e sua utilização tipográfica.

Mas como em quase todas as coisas não há bela sem senão, também se verificaram características mais complexas e que se constituem em dificuldade para aprendentes do Inglês, falantes de outra língua como língua materna. É a questão da ortografia e a sua relação, por vezes pouco sistemática, com as dezenas e dezenas de sons nessa língua, é a questão da idiomaticidade que requer o conhecimento de uma quantidade enorme de construções idiomáticas. Simplificar a língua inglesa foi a tarefa a que se impôs o linguista Ogden que fez publicar em 1930 a obra *Basic English*, apresentando um conjunto de cerca de 850 vocábulos e 18 verbos.

E a ideia de uma forma simplificada do Francês para uso internacional? De onde parte? Em 1951 uma comissão francesa da UNESCO, que incluía Gougenheim, começou por elaborar um projecto que foi chamado de *Francês de Base*, designação que não agradaria e que por isso viria depois a ser alterada para *Francês Elementar*, e acabando mesmo por desembocar na designação definitiva de *Francês Fundamental*. E tal como já havia acontecido com o *Basic English*, nem o Francês nem o Inglês, como grandes línguas de comunicação mais ampla resolviam à época o problema de existência de uma língua universal, depois de goradas, para o mesmo fim de comunicação, as tentativas de introdução e uso de línguas artificiais como línguas universais.

Tendo estes episódios históricos como pano de fundo, não posso deixar de me interrogar sobre a pretendida e incessante busca dos universais linguísticos; não se situava essa busca na mesma lógica das tentativas de desbabelização? À

---

tudo o que é feminino é criação posterior". [All its nouns end in *-o*, all its adjectives in *-a*, all its adverbs in *-e*... A tree is *arbo*; a small tree is *arbeta*; a big tree is *arbego*; a forest is *arbaro*... Man is *viro*; woman is *vir'ino*. A husband is *edzo*; a wife is *edzino*. At the base of the language is maleness, anything female is an afterthought].

procura de melhor entendimento sobre a questão dos universais, propõe Édouard Glissant a teoria da *Relação* para explicar uma parte importante do comportamento humano:

De um modo formal, questiono a ideia do universal. O universal é uma sublimação, uma abstracção que nos faz esquecer as pequenas diferenças; buscamos o universal mas esquecemos estas pequenas diferenças; a Relação é uma maravilha porque não nos deixa fazer isso. Não existe Relação feita de grandes diferenças. A Relação é total, porque se assim não for não temos Relação. É por isso mesmo que prefiro a noção de 'Relação' à noção de universal (Barson & Gorschlüter, 2010, p. 62).

Estou totalmente de acordo com este posicionamento, ao mesmo tempo que o relaciono com o conceito do que no passado designei de *naturalização de língua*, em particular, “a aceitação por parte de uma comunidade de indígenas de uma língua que lhe é alheia e à qual concedeu estatuto de cidadania” (Lopes, 1997, p. 39). A naturalização do Português Moçambicano vem-se desenvolvendo de modo localizado, e sempre entendida como diferença, não como deficiência. Trata-se de uma variedade linguística e cultural que se vai alimentando de pequenas diferenças e que se vai comportando de forma una e múltipla, em simultâneo. Como uma história, que teve o seu início, desenvolve-se e um dia chega ao porto que lhe está destinado. Uma história tem sempre um ponto de chegada, um ponto de chegada que pode ser especial, como entende ainda Édouard Glissant e que explicita ao seu entrevistador, o maliano Manthia Diawara, numa viagem atlântica em 2009, a bordo do navio *Queen Mary II*:

Para mim, a chegada é o momento em que todos as componentes da humanidade— não apenas as componentes africanas—acordam na ideia de que é possível ser-se, ao mesmo tempo, um e múltiplo; que podes ser tu próprio e o Outro; que podes ser o Mesmo e o Diferente. Quando essa batalha—porque é de uma batalha que se trata, não militar, mas sim espiritual—quando essa batalha for ganha, muitos acidentes da história humana terminarão, extinguir-se-ão (Barson & Gorschlüter, 2010, p. 59).

No livro intitulado *A Batalha das Línguas*, originalmente escrito em 2004 (Lopes, 2013<sup>d</sup>; 2004), procedi a reflexões sobre as influências linguísticas e culturais de que Moçambique e outros países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) foram e continuam a ser alvo, reflectindo então sobre

a necessidade de se realizarem estudos sobre as diversas forças que produzem mudanças na história, de molde a compreendermos melhor a natureza do poder que faz funcionar a língua portuguesa e a língua espanhola como línguas do mundo e, assim, adquirirmos maior capacidade de análise e rigor na descrição das novas variedades de língua e dos seus contextos.

A importância destes elementos é apropriadamente destacada por Moisés de Lemos Martins, na sua obra sempre actual de 1996, nos seguintes termos:

Aquilo que fundamentalmente está em jogo, quando interrogamos o sentido de nação, região e comunidade local, é a interpretação da lógica social da linguagem empregue. (...) Colocada a questão na linguagem, importa assim ter presente a sua lógica específica enquanto realidade social. Quer isto dizer que se trata de indagar até que ponto a linguagem é um poder, numa luta pelo poder de interpretar, censurar, afirmar, recusar; até que ponto a linguagem, que diz as divisões da realidade, contribui para a realidade das divisões. (Martins, 1996, pp. 16-17)

É claro que noções como *aldeia global* e *cultura mundial* significam muito pouco ou mesmo quase nada para as pessoas que têm uma cultura de subsistência como única cultura ou que não vêm o seu dia-a-dia melhorado. Teremos nós vontade de vencer a prática da sobrevivência do mais forte? Ou os cidadãos do mundo continuarão a fingir que estão apaixonadamente interessados pelo Outro, e a imaginar o mundo do outro de um modo em que o outro já não é mais o Outro? Pessoalmente, gosto, em particular, da ideia de que me posso transformar interagindo com o Outro sem me distorcer, sem perda. Assim, e novamente em sintonia com o que diz Glissant:

Tu podes mudar, podes mudar com o Outro, podes mudar com o Outro ao mesmo tempo que permaneces tu próprio, tu não és um, tu és múltiplo e és tu próprio. Não estás perdido porque és múltiplo. É difícil admitir isto, porque temos medo de nos perdermos. Dizemos para connosco: se eu mudar, perco-me. Se eu me apropriar de alguma coisa do Outro, o meu ser desaparece. Temos decididamente de abandonar este erro (Barson & Gorschlüter, 2010, p. 61).

De facto, prefiro um mundo de partilhas, de união de culturas, de hibridação a um mundo da globalização com a sua uniformidade redutora e marginalização ou mesmo extermínio das culturas minoritárias.

Muitos falantes nativos e não só orgulham-se, com certa naturalidade, do facto de o Português no mundo ser reconhecido como língua internacional e em expansão. Mas na verdade, o Português perde o seu estatuto mais localizado, digamos a sua paroquialidade, e adquire a internacionalidade e intercontinentalidade pela simples razão desta língua não ser propriedade de nenhum estado e povo, pelo facto desta língua não estar sob custódia de nenhum estado, região ou comunidade que dela se serve, pelo facto de não caber a ninguém o direito de reclamar para si a propriedade da língua, e ainda pelo facto de apenas pertencer a todos que dela gostam e que com ela se identificam (Lopes, 2013<sup>c</sup>; Martins, 2014; 2015). E tal como aconteceu com a fragmentação do latim nas línguas românicas, todo o processo de heterogeneização parece gerar sempre outros processos simultâneos de homogeneização e heterogeneização no seu seio. A posição de Mosquera reforça, a este propósito, a ideia que acaba de ser exposta, quando diz que:

É óbvio que a globalização não consiste de uma interconexão efectiva de todo o planeta por meio de uma grelha articulada de comunicações e de trocas. A globalização é sim um sistema radial que se estende de diversos centros de poder com dimensão variada a múltiplas zonas económicas bastante diversificadas. Tal estrutura implica a existência de vastas zonas de silêncio, praticamente sem ligação entre si ou apenas ligadas indirectamente por via das metrópoles...A globalização melhorou sem dúvida as comunicações a um nível extraordinário, dinamizou e pluralizou a circulação cultural e criou uma consciência mais pluralista. Contudo, fê-lo através dos mesmos canais seguidos pela economia, reproduzindo-se assim, em larga medida, as estruturas do poder (Mosquera, 2001, p. 32).

No Brasil, num passado não distante, as políticas de difusão do Português não mereciam atenção particular; persistia a ideia de que uma política de língua tinha de ser, em primeiro lugar, uma política direccionada para a preservação e consolidação da língua como veículo de cultura. No Brasil, antes de 1940, a política de difusão do Português restringia-se sobretudo à tradução de livros. Depois vieram os *Centros de Estudos Brasileiros* (CEB) que visavam (e visam) promover a língua e cultura em países estrangeiros e, mais recentemente, num contexto de continuada reestruturação, pelo menos no caso de Moçambique, os chamados *Centros Culturais Brasil-Moçambique* (CCBM). Quanto a Portugal, nos anos 70, a política linguística portuguesa passou a ter em atenção os filhos dos emigrantes portugueses em países mais desenvolvidos como a França, onde vivia 10% da

população de Portugal. Este tipo de política era um tipo de política de manutenção de língua e não tanto uma política de difusão de língua. Em tempos mais recentes, e através do Instituto Camões, as autoridades portuguesas e as autoridades da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo associaram-se, via leitorado, com o objectivo de desenvolver acções de dinamização da língua portuguesa em universidades do Zimbabwe, Suazilândia e África do Sul, três países, em que o inglês é língua oficial ou co-oficial.

Mais recentemente, a partir de 2004, e na sequência da cooperação existente entre os dois países desde a década de 70, a Agência Espanhola para a Cooperação e Desenvolvimento (AECID) começou a apoiar Moçambique na introdução de um leitorado para o ensino da língua e cultura espanhola na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Maputo. Esta acção despertou bastante interesse no seio dos moçambicanos, tendo o leitorado recebido continuados apoios ao longo do tempo por parte da Embaixada de Espanha e da Embaixada de Cuba em Maputo.

Criou-se também a *Associação Mozhispana Cultural*, ao mesmo tempo que se multiplicaram acções de ensino do espanhol em outra importante instituição de ensino superior, o Instituto Superior de Relações Internacionais (ISRI) a partir de 2011 e ainda numa instituição privada, a Escola Francesa de Maputo.

Na UEM, a língua é ensinada em diferentes níveis através de cursos livres, mas no ISRI o espanhol tornou-se uma língua opcional do currículo de licenciatura. Hoje mais de quinhentos alunos nas três instituições aprendem o espanhol como língua estrangeira. Os leitores especializados no ensino de língua espanhola como língua estrangeira e ainda em tradução são espanhóis, moçambicanos, cubanos e argentinos e são já em número considerável os alunos que prestam *as pruebas del DELE*, exames para o Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira. Vários graduados moçambicanos, com um domínio já razoável do Espanhol, têm-se beneficiado de bolsas de estudo para mestrado e doutoramento em diferentes universidades espanholas, através do apoio prestado pelo MAEC, Ministério dos Assuntos Exteriores e Cooperação.

O interesse pela aprendizagem do Espanhol como língua estrangeira e nalguns casos como segunda língua reside, entre outros motivos, na proximidade linguística e cultural que os aprendentes sentem entre o Espanhol e o Português e nas relações com Cuba, relações históricas de amizade, forjadas no contexto das lutas de libertação na região austral de África, para onde foram estudar milhares de moçambicanos, aproximadamente doze mil alunos de nível médio e cinco mil alunos que completaram as suas licenciaturas em diversas áreas do conhecimento.



Tudo começou com um encontro de amizade na cidade da Beira entre os líderes Samora Machel e Fidel Castro, no ano de 1977, o que provocou uma verdadeira diáspora. Após um período de cerca de 16 anos, o tempo de formação superior desde a primeira classe, os moçambicanos deviam regressar e ocupar-se de múltiplas frentes no país, tão carente ao longo do tempo, sobretudo a partir do êxodo de profissionais que se registou imediatamente após a Independência nacional. O mesmo contexto de libertação e de solidariedade ideológica internacional trouxe para Moçambique muitos brasileiros, chilenos, outros latino-americanos, europeus de outras paragens, asiáticos e africanos. Os internacionalistas, como eram conhecidos, activos em diferentes frentes do desenvolvimento do país, vieram escrever *páginas de internacionalização*, criando relações como as que a poetisa moçambicana Sónia Sultuane viveu na sua recente viagem a Cuba:

...Houve logo uma empatia, aquele sentimento de proximidade. Assim que se diz que se é de Moçambique, tornamo-nos irmãos, filhos, melhores amigos do povo cubano. (...) É comum ouvir o meu amigo, o amigo do meu amigo, um parente do parente esteve em Moçambique. (...) Passadas três horas, já me sentia em casa, tinha arranjado família, amigos. Devo dizer que o povo cubano foi dos povos com quem mais gostei de privar, de partilhar. (...) Oxalá um dia possa regressar a Cuba e encontrar ainda aquela magia que só ali senti (Sultuane, 2013, pp. 72; 74-75).

E também relações que construíram muitos dos caminhos de hoje, em que as marcas da constituição de uma considerável parte da *intelligentzia* moçambicana pós-independência são visíveis e profundas. Ouçamos, por exemplo, um breve depoimento de Eduardo Siteo, Professor na UEM e igualmente Presidente do Conselho Nacional para a Qualidade do ensino (CNAQ) no Ministério da Educação de Moçambique: “A minha vida pessoal pode ser um bom exemplo desse conceito de ‘iberoфонia’ que o Professor quer defender ainda que, mais tarde, o Inglês tenha tornado mais complexa a minha ‘classificação’, diria assim, em termos linguísticos. Até aos 8 anos de vida eu só tinha conhecido o Changane e nunca tinha, sequer, ouvido falar nenhuma outra língua, por alguém, que não fosse Changane. Vim para Lourenço Marques com o meu pai que já cá trabalhava depois de deixar a RAS, por ocasião da morte prematura da minha mãe. Rapidamente entrei na escola oficial com a ajuda dos patrões do meu pai e durante 7 anos aprendi o Português, tendo atingido o nível da 5<sup>a</sup>. Classe. Posso dizer que aos 15 anos já era lusófono. Parti para Cuba no mesmo ano e fiz todo o meu ensino secundário geral

e técnico profissional durante 8 anos. O ensino aqui era em Espanhol (cubano), embora tivéssemos disciplinas em Português dadas por professores moçambicanos sobre História, Estudo Político, Geografia e a própria disciplina de Português até ao fim do ensino secundário. Confesso que quando comecei a trabalhar aos 23 anos de idade eu era falante de Changane-Português-Espanhol mas, curiosamente, sentia-me tecnicamente mais seguro a formular as minhas ideias e os meus pensamentos em Espanhol; mas gostava de escrever poemas de amor em Português. O Changane servia mais para o foro familiar. Esta a minha história, mas o Inglês atrapalhou esta arrumação das línguas: o Changane passou a ser mais para os encontros com os mais velhos e família, o Espanhol para o convívio com os ex-colegas sem conteúdo profissional; o Português, a língua de trabalho do dia-a-dia e o Inglês, a língua para a formulação de ideias e pensamentos que requerem uma elaboração mais cuidada”<sup>2</sup>.

## 2. A cultura e a pedagogia da equidade na comunicação

Aqui as missangas são o intraculturalismo, o interculturalismo e a formação em comunicação em contexto multicultural. A noção de *cultura* adquire especial importância, particularmente no campo da comunicação. A cultura é um fenómeno humano complexo e, em muitos aspectos, um conceito que se presta a equívocos. A cultura está, muitas vezes, associada a bens materiais e artefactos, à alimentação, indumentária e às artes. Digamos que a cultura é um conjunto complexo que inclui o conhecimento, a linguagem (i.é, a língua, os padrões não-verbais de comunicação e o estilo de comunicação), as crenças, as percepções, as atitudes, os valores (como a dignidade humana, igualdade, justiça), a arte, a moral, a lei, os costumes e outras capacidades que o ser humano adquire como membro de uma sociedade.

O conceito de *multiculturalismo* tem-se prestado a interpretações variadas (Lopes, 2006, p. 39), incluindo a interpretação de Honwana (2011)<sup>3</sup>, que enquadra o conceito num contexto contemporâneo e específico, associando-o à noção de

2 Email de 12 de Abril de 2014, em resposta a um pedido de depoimento feito pelo autor do presente estudo.

3 O Estado é simultaneamente o objectivo final do movimento nacionalista e o instrumento para a construção da nação que, conseqüentemente, deve ter uma natureza multicultural. A política linguística vem assim substituir os processos violentos que levaram à formação das actuais

política linguística. Por outro lado, e como deixei implícito na secção anterior, em algumas sociedades do mundo pós-colonial, o conceito de *sociedade multicultural* tem significado a manutenção de uma cultura dominante sobre as outras culturas, regra geral culturas das ‘minorias’, e a aceitação dessas mesmas culturas. Esta aceitação das outras culturas é, por outro lado, questionada, reivindicando-se um projecto cultural plural, assente no princípio de que nenhuma cultura é superior a outra, nenhuma cultura é mais verdadeira ou tem mais valor do que outra e que, por isso, vale o esforço de tentar pôr juntas, num todo heterogéneo, formas culturais diversas sem perda e sem grande conflito. Julgo importante manter-se este enfoque no contexto que agora discuto, ou seja, o contexto das ciências da comunicação, e sobretudo no âmbito do que designaria por *pedagogia da equidade*.

Em termos amplos, a pedagogia da equidade reconhece o direito à existência de diferentes grupos culturais, considera a diversidade linguística e cultural como um bem e não uma desvantagem, reconhece os direitos de todos os grupos culturais da sociedade como direitos iguais e promove a igualdade de oportunidades educacionais.

Em termos mais específicos, a pedagogia da equidade não ocorre apenas num único curso ou programa mas, sim, numa variedade de programas e práticas. É claro que também pode ter significados diferentes em diferentes escolas e com diferentes grupos de indivíduos, segundo as suas necessidades e circunstâncias. O sucesso do professor relativamente ao desenvolvimento académico de alunos oriundos de diferentes grupos culturais e sociais constitui o cerne da pedagogia da equidade. Atenção especial é dada à integração ao nível dos conteúdos, o que significa que os conteúdos de algumas disciplinas são retrabalhados de molde a representar experiências diversas e perspectivas diferentes, sobretudo das pessoas que habitualmente são sub-representadas ou excluídas. Promove-se a interacção e cooperação mútuas, incentiva-se a valorização de todas as culturas e reforça-se o poder dos chamados grupos étnicos minoritários. Há uma relação dupla entre comunicação e cultura, porque a comunicação é moldada pela cultura e é um poderoso agente de transmissão e preservação cultural. O mestre transmite e interpreta o conhecimento da cultura dominante e o conhecimento das microculturas, proporcionando, assim, uma formação multicultural. São sobretudo três os

---

línguas universais e línguas eurásicas. Ela é um elemento fundamental na validação e defesa do multiculturalismo como alternativa nacional

factores que, na minha opinião, ilustram a influência da cultura na comunicação. Primeiramente, a *socialização* ‘in tandem’ com a comunicação, isto é, a socialização através da qual o indivíduo adquire o conhecimento, os valores, a língua e as aptidões sociais, permitindo-lhe a integração na sociedade; por outro lado, a *comunicação* que dá a oportunidade a crianças e jovens de diferentes grupos culturais de aprenderem a falar várias línguas e aprenderem a importância da comunicação não-verbal. Em segundo lugar, os *valores sociais*, que são adquiridos a partir do sistema social e da cultura em que o indivíduo cresce e que podem ser diferentes de cultura para cultura, precisam de ser compreendidos e partilhados; e em terceiro lugar, o factor relacionado com as *estruturas do conhecimento e com a visão do mundo*, isto é, o modo como um indivíduo, grupo cultural ou comunidade vê as pessoas, os acontecimentos, o mundo, em geral.

A abordagem multicultural na comunicação, que relaciona a raça, a língua, a cultura, o género, a deficiência física e a classe social deve fazer com que todos os quadrantes celebrem a diversidade humana e a igualdade de oportunidades; fornecer competências transculturais que visem assegurar que os aprendentes adquirem o conhecimento e as habilidades necessárias para funcionar na sua própria cultura, aquilo a que eu tentativamente chamaria de *intraculturalismo*, e para funcionar na cultura dos outros indivíduos, que é geralmente referido por *interculturalismo*. Para mim, é tão importante o intraculturalismo como o interculturalismo. Não há um enfoque sem o outro.

Ao discutir a dinâmica e a mecânica do interculturalismo, aponta-se para a necessidade de reforço do ensino e da pesquisa para melhor entender o que os comunicadores, os especialistas das ciências de comunicação, os docentes e os jornalistas realmente fazem quando comunicam com sucesso, repartindo o conhecimento partilhado do código linguístico, o conhecimento partilhado das convenções retóricas e discursivas, e o conhecimento partilhado de dimensões não-linguísticas da experiência, incluindo a sua visão do mundo e permanente busca da verdade (Lopes, 2013<sup>b</sup>).

## Conclusão

É inegável que as línguas e culturas lusófona e hispanófona são importantes no mundo, porque podem abrir várias portas; só não sabemos ainda exactamente como é que e porque é que o fazem e quais as implicações para as outras línguas

do sistema ecológico; e assim, partindo do sistema ecológico do espaço ibero-  
americano, parece-me, em jeito de conclusão, que as seguintes perguntas têm  
alguma pertinência:

- Quantos moçambicanos se prevê que venham a falar Português em 2050? E quantos, nessa altura, falarão Espanhol como língua estrangeira (Le)?
- Quantos africanos na Comunidade do Desenvolvimento da África Austral (SADC) têm actualmente algum conhecimento do Português? O número obedece a alguma razoabilidade? E que previsões há até ao ano de 2050?
- Que papel o Português desempenha e virá potencialmente a desempenhar nas suas vidas? Desfrutam e virão a desfrutar dos ricos recursos culturais que as duas línguas proporcionam?
- Que efeitos tem e terá a globalização económica na demanda pelo Português na SADC?
- Será que a evolução de blocos regionais, como o da SADC, ocorrerá no sentido da promoção de línguas francas que desafiam a posição do Português em Moçambique?
- Será que a expansão do Português e uma eventual maior cobertura do Espanhol podem vir a provocar a extinção de várias outras línguas, sobretudo a das línguas indígenas?
- Será que o Português e o Espanhol se revelarão recursos importantes para diversos países em diferentes continentes, proporcionando-lhes vantagens económicas perante outros concorrentes agressivos?

Termino com uma passagem de Amin Maalouf (2009) que discute a indissociável articulação entre a cultura e a língua, no âmbito dos direitos humanos:

...Não aceito a ideia de que deverão existir uns direitos humanos para os europeus e outros para os povos islâmicos, africanos, asiáticos. Têm que ser os mesmos. Mas depois deverá existir uma grande diversidade de expressões culturais. A principal é a linguagem. (...) e toda a cultura associada à língua deverá tornar-se conhecida, mesmo para lá das fronteiras dessa cultura.

É, por isso, que acho que as missangas com que fui tentando compor o fio da comunicação vão também para além das fronteiras do espaço ibero-americano. Não será o espaço moçambicano de comunicação também iberófono? E tendo

em conta a história de Moçambique independente, e com enfoque na actual faixa etária dos 40 a 55 anos de idade de uma parte do sector populacional mais letrado, e em larga medida camada dirigente, não será o próprio espaço moçambicano de comunicação e cultura também ibero-americanófono?

## Referências bibliográficas

- ABLEY, M. (2003). *Spoken Here: Travels among Threatened Languages*. Londres: William Heinemann.
- BARSON, T. & Gorschlüter, P. (Eds.) (2010). *Afro Modern: Journeys through the Black Atlantic*. Londres: Tate Publishing.
- COUTO, M. (2008). *O Fio das Missangas*. Alfragide: Editorial Caminho.
- HONWANA, L. B. (2011). Português: Língua de fazer Moçambique? Palestra convidada ao colóquio *Português em contexto africano multilingue: Em busca de consensos*. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- LOPES, A. J. (2015). Política linguística—Terra de ninguém, terra de todos. Notas a partir de um posto de observação moçambicano. In M. L. Martins (Ed.). *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia* (pp. 197-226). Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). eBook. Famalicão: Húmus. A partir de intervenção no Congresso “Interfaces da Lusofonia – 4-6 de Julho de 2013. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/39693>.
- LOPES, A. J. (2013a). As mil e uma missangas da língua: Reflexões sobre o Português. Comunicação convidada apresentada ao Instituto Politécnico de Macau, Macau, 23 de Outubro de 2013.
- LOPES, A. J. (2013<sup>b</sup>). Não foi isso o que quis dizer! Nunca entende o que digo! Do código ao processo de comunicação. Comunicação apresentada ao I Congresso Moçambicano das Ciências da Comunicação, Maputo, 24-6 de Abril de 2013. *Notícias*, p. 2 [Primeiro Plano], 30 de Abril-1 de Maio de 2013. Também publicado em [www.ippucsp.org.br](http://www.ippucsp.org.br).
- LOPES, A. J. (2013<sup>c</sup>). Língua portuguesa em Moçambique: Timakas, milandos e desafios. *Revista Brasileira* [da Academia Brasileira de Letras], Jan.-Março, Ano II, no. 74, pp. 117-34. Reproduzido in *Notícias*, p. 2 [Primeiro Plano], nos. 28.772/3, 9[e 10]/04/2013.
- LOPES, A. J. (2013d) *A Batalha das Línguas: Perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique*. Luanda: Editora das Letras. [Reedição do volume original bilingue de 2004, *A Batalha das Línguas: Perspectivas sobre Linguística Aplicada em Moçambique/The Battle of the Languages: Perspectives on Applied Linguistics in Mozambique*. Maputo, Livraria Universitária.]

- LOPES, A. J. (2012). Criando a região inteligente: O caso do Português na Comunidade do Desenvolvimento da África Austral (SADC). Comunicação apresentada ao colóquio internacional sobre ‘O Português nas Organizações Internacionais’, IILP, Luanda, 2-5 de Julho de 2012. Publicada in *Notícias*, p.2 [Primeiro Plano], 17-8 de Julho de 2012.
- LOPES, A. J. (2006). Reflexões sobre a situação linguística em Moçambique. In R. Chaves & T. Macêdo (Orgs.) *Marcas da Diferença: As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (pp. 35-46). São Paulo: Alameda.
- LOPES, A. J. (1999). The language situation in Mozambique. In R. B. Kaplan e R. B. Baldauf, Jr. (Eds.) *Language Planning in Malawi, Mozambique and the Philippines* (86-132). Clevedon: Multilingual Matters, UK.
- LOPES, A. J. (1997). *Política Linguística: Princípios e Problemas/Language Policy: Principles and Problems*. Maputo: Livraria Universitária.
- MAALOUF, A. (2009) Redenção cultural. Entrevista (Rita Freire) ao *JL*, edição 12-25 Agosto, pp. 34-6.
- MANTHIA D. M. (2010). Conversation with Édouard Glissant aboard the Queen Mary II. In Barson, T. & Gorschlüter, P. (Eds.) *Afro Modern: Journeys Through the Black Atlantic* (pp. 58-63).
- MARTÍNEZ Alfaro, R. *El Español en Mozambique*. Maputo, 2013, manuscrito não publicado.
- MARTINS, M. L. (Ed.) (2015). *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia*. Famalicão: Húmus. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/39693>.
- MARTINS, M. L. (2014). Língua Portuguesa, globalização e lusofonia. In N. M. Bastos (Org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia* (pp. 15-33). São Paulo, EDUC – IP-PUC. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29178>.
- MARTINS, M. L. (1996). *Para Uma Inversa Navegação: O Discurso da Identidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- MOSQUERA, G. (2001). Notes on globalisation, art and cultural difference. *RAIN Artists' Initiatives Network*, Rijksakademie van beeldende kunsten, Amsterdão.
- OGDEN, C. K. (1930). *Basic English*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- SÁNCHEZ, A. G., e Guerra, UV. *El Español en Mozambique*. Maputo, 2011, manuscrito não publicado.
- SULTUANE, S. (2013). Dos cubanos. Índico 22, Série III, Nov.-Dez., pp. 70-5.